

“SENTA QUE LÁ VEM HISTÓRIA”: TRABALHANDO A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA DA OBRA LITERÁRIA “UM PEIXINHO CHAMADO ARCO-ÍRIS” DO AUTOR PARAENSE LUIZ PEIXOTO RAMOS COM OS ALUNOS DO JARDIM I “C” DA ESCOLA CENTRO EDUCACIONAL A HORA DO SABER

Bárbara Derlini Rodrigues Lameira¹
Yasmim dos Santos Pereira²
Evaldo Ferreira Rodrigues³

Resumo: O presente trabalho aborda a contação de história como proposta metodológica de ensino-aprendizagem de valores sociais e cultura local, a partir do livro “Um peixinho chamado Arco-Íris”, de Luiz Peixoto Ramos, no contexto escolar da turma de Educação Infantil do Jardim I “C”, da Escola Centro Educacional A Hora do Saber. Neste sentido, decidiu-se aliar a abordagem acerca da contação de história às quatro áreas de conhecimento, Códigos e Linguagens, Ciências Sociais, Matemática e Ciências Naturais. Para tanto, realizou-se pesquisa bibliográfica sobre a contação de histórias, fundamentada em Abramovich (1997), Dohme (2003), Paiva (2009), Freire (2011), entre outros autores. Além disso, durante o Estágio Supervisionado, também foram realizadas pesquisa de campo e observação participante a respeito do modo mais eficiente de efetuar a abordagem desse tema inserido no referido contexto. Com isso, observou-se a necessidade de trabalhar com os alunos do Jardim “C” a contação de história, tendo em vista a realização de um trabalho interdisciplinar, articulado com as supracitadas áreas de conhecimento. Para a aplicabilidade da ação pedagógica, foram produzidos recursos didáticos e lúdicos que promovessem uma aprendizagem mais significativa. Enfim, considerando o exposto, é possível dizer que, mesmo com as adversidades, foram obtidos resultados positivos na aplicação da proposta educativa, tais como a prática pedagógica realizada em um sentido mais amplo, em uma escola real, e a utilização da dessa metodologia na aprendizagem dos alunos a respeito do tema, fazendo com que este trabalho não ficasse restrito apenas ao discurso teórico.

Palavras-chave: Cultura Local; Interdisciplinaridade; Contação de História.

Abstract: The present work deals with the storytelling as a methodological proposal of teaching and learning of social values and local culture, from the book "A small fish called Arco-Íris", by Luiz Peixoto Ramos, in the school context of the Kindergarten class I "C", of the School Educational Center A Hora do Saber. In this sense, it was decided to combine the approach on storytelling to the four areas of knowledge, Codes and Languages, Social Sciences, Mathematics and Natural Sciences. For this, a bibliographic research on storytelling, based on Abramovich (1997), Dohme (2003), Paiva (2009), Freire (2011) and other authors. In addition, during the Supervised Internship, field research and participant observation were also carried out regarding the most efficient way to approach this theme inserted in the context. With this, it was observed the need to work with the students of the Garden "C" history, in order to carry out an interdisciplinary work, articulated with the aforementioned areas of knowledge. For the applicability of the pedagogical action, didactic and playful resources were produced that promoted a more meaningful learning. Finally, considering the above, it is possible to say that, even with adversity, positive results were obtained in the application of the educational proposal, such as the pedagogical practice carried out in a broader sense, in a real school, and the use of this methodology in the Learning about the subject, making this work not only restricted to theoretical discourse.

Keywords: Local culture; Interdisciplinarity; Storytelling.

¹Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail: barbaraderlini21@gmail.com

² Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail: mimsay.p@gmail.com

³ Professor de Estágio Supervisionado da UEPA e Professor Licenciado Pleno da SEMEC, Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu na Linha de Formação de Professores da UEPA. E-mails: evalldoo@hotmail.com ; evalldoo71@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A literatura proporciona a expansão das linguagens escrita, oral, visual e corporal, encoraja a formação de hábitos e atitudes sociais, incentiva a memória e a atenção, promove situações que despertam a criatividade e a curiosidade, desperta emoções e sentimentos, e, ao mesmo tempo, proporciona situações de aprendizagem. Nesta perspectiva, tomando como base o que determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o Plano Nacional de Educação (2014) e as Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil (2010), torna-se indispensável que a escola resgate o real significado da literatura, que consiste em ato de prazer, requisito para emancipação social e promoção da cidadania. Desta forma, a escola, enquanto formadora de cidadãos críticos, deve propiciar aos educandos momentos que possam incentivar o hábito da leitura, o apreço pelas obras literárias e sua importância para a vida cotidiana, trabalhando não apenas obras literárias infantis de autores estrangeiros, mas também obras de autores locais, tendo em vista a aproximação com a realidade e a construção de um sentimento de identidade no qual o aluno sinta-se representado. Para tanto, o professor pode utilizar-se da contação de histórias, pois consiste em uma metodologia que proporciona aprendizagem de forma lúdica e significativa, aspectos que devem ser considerados ao trabalhar literatura com alunos da Educação Infantil.

A proposta deste trabalho foi fundamentada na utilização da contação de história como metodologia de ensino-aprendizagem de valores sociais e cultura local para os alunos da turma do Jardim I “C”, da Escola Centro Educacional A Hora do Saber, com o objetivo de realizar um trabalho interdisciplinar articulado com as quatro áreas de conhecimento, Códigos e Linguagens, Ciências Sociais, Matemática e Ciências Naturais, e, por sua vez, desenvolver aspectos referentes à construção de identidade, valorização da cultura local, estímulo à aprendizagem lúdica e significativa, bem como o incentivo à imaginação e criticidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este trabalho embasou-se em Kleiman (2002), Soares (2003), Freire (2011), Dohme (2003), Paiva (2009) e Abramovich (1997) para discutir questões voltadas para leitura, literatura infantil e contação de história. Em relação à literatura e a aproximação com a realidade, para Freire (2011, p. 19), a compreensão crítica do ato de ler “não se esgota na decodificação pura da palavra ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo, pois a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Neste sentido, compreende-se que não se pode interpretar um texto sem lê-lo com atenção e curiosidade ou se o leitor desistir da leitura quando encontrar a primeira dificuldade. Para o autor, a

compreensão do texto por meio de sua leitura crítica implica na percepção das relações entre o texto e o contexto. Nesta perspectiva, é necessário “respeitar os níveis de compreensão que os educandos estão tendo em sua própria realidade, pois desde o começo, na prática democrática e crítica, a leitura do mundo e a leitura da palavra estão dinamicamente juntas” (op. cit. p. 41). Freire (op. cit. p. 42) também defende que a leitura do real, contudo, não pode ser a repetição mecanicamente memorizada da maneira de ler e discute a respeito da importância de espaços de leitura como a biblioteca popular como “centro cultural e não como um depósito silencioso de livros” (op. cit. p. 45).

Quanto à utilização da literatura na Educação Infantil, muitas vezes, grande parte das escolas, de modo consciente ou não, desvirtua o caráter lúdico da literatura infantil, ocasionando, assim, o que Kleiman (2002) e Soares (2003) consideram como “a escolarização inadequada da literatura”. Um dos vários desafios enfrentados pela escola é fazer com que as crianças adquiram o hábito da leitura, para que possam agir com autonomia na sociedade. Para que isto ocorra, é importante que o professor proporcione momentos de leitura dentro e fora da sala de aula, para que desde cedo as crianças ampliem sua visão de mundo e despertem o seu potencial crítico, de atenção e criatividade, auxiliando-os a enfrentar e a resolver situações-problema na vida real.

É importante destacar que o que leva o educando a tornar-se um verdadeiro leitor não é o reconhecimento da importância da leitura, e sim, as várias motivações e interesses que correspondem às necessidades de sua personalidade e de seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, emocional e social. Nesse sentido, enfatiza-se que criança é inserida no mundo literário muito antes de aprender a ler ou mesmo de entrar na escola, pois, geralmente, esse primeiro contato ocorre por meio da leitura de obras literárias por seus familiares e/ou amigos. Nesse momento, a criança não é envolvida apenas no aspecto emocional, mas também no aspecto cognitivo, pois seu pensamento é estimulado a buscar significação para o que ela está ouvindo e elaborar internamente esse novo universo.

Sobre essa questão, Abramovich (1997, p. 98) enfatiza a importância de ouvir histórias para a formação da criança, pois escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, o que “abre um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo”. De acordo com a referida autora (op. cit. p. 140), ao ouvir e ler obras literárias, a criança “desenvolve todo um potencial crítico e, a partir daí, ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar, se sentir inquietada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que pode mudar de opinião”. Para a autora, a leitura deve fazer parte da rotina escolar, o que, de acordo com ela “não significa trabalhar em cima de um esquema rígido e apenas repetitivo”.

Em conformidade com Abramovich (1997), Dohme (2003, p. 5) afirma que a contação de histórias só se torna um meio eficiente de transmissão de aprendizagem quando o professor percebe que essa metodologia é capaz de tal feito. O educador, ao escolher contar uma história, deve estar ciente de que “contribuirá para o desenvolvimento das crianças nos seguintes aspectos: afetividade, raciocínio, senso crítico, imaginação e criatividade” e ressalta que, quando a contação de histórias está aliada a atividades lúdicas como a encenação, ela se torna muito mais eficaz, pois seus efeitos são potencializados.

Quanto à contação de histórias como prática pedagógica, Gimeno (1995, p.73) argumenta que o encanto das crianças em ouvir histórias e o prazer pela leitura se desenvolve a partir de experiências significativas vivenciadas ao longo de sua vida. Se esta aproximação com os livros ocorrer desde a infância, são grandes as possibilidades de a criança se tornar um adulto que recorre à leitura como fonte de informações e instrumento prazeroso de aprendizagem. Nessa perspectiva, o professor pode criar ou aproveitar um tema que esteja sendo trabalhado pela escola, referente a um determinado assunto e relacioná-lo com uma obra literária, sob uma perspectiva interdisciplinar.

Nesse sentido, Paiva (2009 p. 28) enfatiza que “o mais importante seria pensar na contação de histórias como uma metodologia educativa, capaz de promover mudanças significativas naqueles que as ouvem com regularidade”. Dessa forma, a escola é um dos lugares apropriados para promover ações educativas que privilegiem o ato de contar histórias como prática constante e significativa. Ao contar uma história, deve-se ter intenção e preocupação com a aprendizagem do educando. No cotidiano da sala, é necessário preparar esse momento, propiciando à criança um ambiente agradável e convidativo para ouvir histórias, despertando, assim, o interesse e a curiosidade pela leitura, construindo, assim, saberes significativos para sua vida escolar e social.

3 MATERIAIS E MÉTODOS: PRODUÇÃO E UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS DIDÁTICOS

Os recursos didáticos foram produzidos pelas autoras da proposta educativa entre os dias 18 e 23 de novembro de 2016 e os materiais utilizados foram os seguintes: uma faixa com o nome do projeto “Senta que lá vem história”, uma “Caixa Mágica”, dois cenários, que representavam uma floresta preservada e uma floresta destruída e imagens dos personagens da história.

A faixa com o nome do projeto foi produzida com os seguintes materiais: cola branca, TNT roxo e as letras com papel-cartão amarelo. Os cenários, utilizados na contação de história e na atividade de culminância, foram produzidos com os seguintes materiais: fita

adesiva, TNT, papel-cartão e canetinhas de cores variadas, cola quente, cola de isopor e tesoura, como pode ser observado nas imagens a seguir:

Figura 1 - Faixa com o nome do projeto.



Fonte: arquivo particular dos autores.

Figura 2 - Cenário da contação de história.



Fonte: arquivo particular dos autores.

Figura 3 - Cenário da atividade de culminância



Fonte: arquivo particular dos autores.

Para produzir a “Caixa Mágica”, utilizada na contação da história original, foram necessários os seguintes materiais: régua, fita adesiva, faca, uma caixa de papelão grande, TNT verde, amarelo, preto e branco, papel-cartão vermelho, canetinha preta, cola glitter, brinquedos pedagógicos de EVA no formato de animais, adesivos de letras, cola quente, grampeador, dois cabos de vassoura cortados, papel 40 kg, imagens extraída do livro “Um peixinho chamado arco-íris”, cola branca, tesoura, giz de cera, lápis de cor e folhas de papel em tamanho de A4, como pode ser observado na imagem a seguir:

Figura 4 – “Caixa mágica”



Fonte: arquivo particular dos autores.

Os desenhos das personagens da história também foram produzidos com papel A4 e canetinha preta. Todos os recursos didáticos foram produzidos com o intuito de que os alunos visualizassem concretamente aquilo que estava sendo utilizado, a fim de tornar o processo de ensino-aprendizagem do assunto abordado no projeto mais lúdico, significativo e interessante para eles, como pode ser observado na imagem a seguir:

Figura 5 – Desenho do personagem da história



Fonte: arquivo particular dos autores.

Os recursos humanos utilizados foram os seguintes: alunas estagiárias de pedagogia do 8º semestre da UEPA, que são as autoras do projeto, alunos da turma do Jardim 1 “C”, a professora regente e a estagiária auxiliar. Os brindes foram confeccionados com os seguintes materiais: doze garrafas Pets de dois litros, tesoura, folhas de EVA bege, preto, marrom e laranja, olhos de plástico, embalagens transparentes para presente, “fítilho” para amarrar as embalagens, caixas de giz de cera e cópias dos desenhos extraídos da parte de colorir do livro “Um peixinho chamado Arco-Íris”, como pode ser observado na imagem a seguir:

Figura 6 – Brinde



Fonte: arquivo particular dos autores.

3.1 ETAPAS DO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Os procedimentos metodológicos para a aplicação do projeto foram divididos em quatro etapas e consistiram em uma pesquisa-ação a fim de trabalhar os valores sociais e a cultura local, por meio da contação de história, tendo como culminância os desenhos feitos pelos próprios alunos e expostos no cenário. Nesta perspectiva, no dia 24 de novembro de 2016, o projeto foi aplicado na Escola Centro Educacional A Hora do Saber, situada no bairro da Marambaia, na cidade de Belém do Pará. O projeto foi realizado com a turma do Jardim I “C”, durante o período da manhã, no segundo horário, de dez às dez e trinta. A aplicação foi realizada pelas autoras da proposta educativa, que se revezaram na execução das atividades propostas. No primeiro momento, ocorreu uma breve apresentação sobre a proposta educativa aos alunos e, logo após, ocorreu uma avaliação inicial, por meio de uma “roda de conversa”, com o intuito de investigar os conhecimentos prévios dos alunos. As seguintes perguntas foram realizadas: “Vocês já ouviram histórias? Antes de dormir, os pais de vocês contam histórias? Quais?”, como pode ser observado na imagem a seguir:

Figura 7 – Momento da “roda de conversa”



Fonte: arquivo particular dos autores.

No segundo momento, ocorreu a aplicação da contação de história da obra literária paraense “Um peixinho chamado Arco-íris” para os alunos da turma do Jardim I “C”, em sala de aula. No terceiro momento, ocorreu a relação das histórias com as áreas do conhecimento. Anteriormente, durante a arrumação da sala de aula para a aplicação do projeto, foram escondidos desenhos das personagens da história em diversos lugares da estante que armazena os materiais escolares, e as crianças, orientadas pelas autoras da proposta educativa, procuraram estes desenhos e os entregaram para as autoras. Esses momentos podem ser observados nas imagens a seguir:

Figura 8 – Momento da contação de história



Fonte: arquivo particular dos autores.

Figura 9 – Alunos procurando os desenhos escondidos



Fonte: arquivo particular dos autores.

Em continuidade a este momento, foi realizada uma breve segunda “roda de conversa”, como atividade de revisão e fixação da história, para discutir sobre as personagens da história encontrados, quem elas eram, o que fizeram, e as crianças responderam as perguntas e fizeram comentários a respeito. No quarto momento, ocorreu a atividade de culminância, que ocorreu da seguinte forma: Foi solicitado pelas autoras da proposta educativa que as crianças desenhasssem a floresta, os animais e o rio que tinham visto na história, para dar “vida” à floresta desmatada, representada pelo segundo cenário. Esses momentos podem ser observados nas imagens a seguir:

Figura 10 – Momento da segunda “roda de conversa”



Fonte: arquivo particular dos autores.

Figura 11 – Alunos desenhando durante a atividade de culminância



Fonte: arquivo particular dos autores.

Figura 12 – Cenário da atividade de culminância com os desenhos dos alunos



Fonte: arquivo particular dos autores.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Na aplicação do projeto, a história escolhida para a contação foi “Um Peixinho chamado Arco-Íris”, de Luiz Peixoto Ramos. O autor nasceu em 15 de abril de 1941, em Belém. É membro da Associação Paraense dos Escritores, Câmara Setorial do Livro e da Caravana Cultural da Amazônia e recebeu medalha de honra ao mérito no III Concurso Nacional de Contos, realizado em 1990, em Brasília. Em 1997, obteve menção honrosa nos Jogos Florais dos Poetas do Mundo Lusíada, na cidade de Massachusetts, nos Estados Unidos. Participou na produção do livro “Introdução à Literatura no Pará”, 7º volume, da Academia Paraense de Letras, também no ano de 1997. Em 2007, foi descerrada placa em sua homenagem no Bosque Rodrigues Alves, em reconhecimento à literatura. Em 2010, foi homenageado pela USE (Unidade SEDUC na Escola) na XIV Feira Pan-Amazônica do Livro e participou da Gincana Literária. O autor também recebeu plaqueta comemorativa aos 140 anos da Biblioteca Arthur Vianna, por sua contribuição à literatura. Entre seus trabalhos voltados para o público infantil mais famosos, destacam-se “Um conto de fadas amazônico”, “O Jabutigão Amazônico” “O Jabutigão e a Luz Encantada”, “Bem-te-viajante” e “Um peixinho chamado Arco-Íris”.

O campo de estágio e de aplicação do projeto foi a Escola Centro Educacional A Hora do Saber, pertencente à rede privada de ensino, localizada no bairro da Marambaia, em Belém. A escola oferece vagas aos alunos da Educação Infantil até o terceiro ano do Ensino Fundamental e possui onze turmas de Educação Infantil. Oferece aos alunos três opções de turno: parcial, semi-integral e integral, além de oficinas de capoeira, balé clássico e dança moderna. O tema gerador trabalhado pela escola ao longo deste ano foi “A Família e os Valores Sociais” e o tema da Feira Cultural, realizada em outubro, foi “Belém 400 anos”.

A turma do Jardim I “C” da Escola Centro Educacional A Hora do Saber é composta por doze alunos, oito meninas e quatro meninos. Grande parte dos alunos da turma na qual o projeto foi aplicado mora no bairro e apenas alguns moram no centro da cidade. A faixa etária dos alunos é de cinco anos, em média. Entretanto, no dia da aplicação, apenas nove alunos estavam presentes e três estavam ausentes, dentre eles, uma aluna que mudou de turno e só chega às dez e meia da manhã. Ao longo do estágio, constatou-se que a turma é bastante inteligente, comunicativa e participativa. Entretanto, de acordo com a professora, alguns alunos são mais agitados, dois alunos em especial. Na observação participante realizada antes da aplicação do projeto, durante o período de estágio, isto foi constatado e esses dois alunos ficaram mais agitados e dispersos que os demais durante a aplicação, ao ponto de a professora e a auxiliar intervirem algumas vezes, em auxílio das autoras do projeto, para que eles fizessem silêncio e prestassem atenção.

Durante a primeira e a segunda etapas do procedimento metodológico, nas quais foram realizadas a avaliação inicial e a contação de história, respectivamente, constatou-se que a maior parte da turma ficou atenta. Infere-se que isto ocorreu devido a dois fatores: A professora, que já havia sido avisada pelas autoras da proposta educativa que o projeto ocorreria naquele dia e conversou com os alunos sobre como eles deveriam se comportar na sala de aula durante a atividade; as autoras do projeto reforçaram a conversa que a professora teve com os alunos, por meio de um “acordo de comportamento” que deveriam seguir durante da ação pedagógica.

Na hora do lanche, às nove horas, as autoras da proposta educativa pediram para a professora e a auxiliar levarem as crianças para lanche fora da sala de aula, no pátio da escola, e depois para brincar no parque, enquanto a sala era arrumada para a ação pedagógica. A faixa com o nome do projeto foi fixada no quadro branco e o cenário um, que representava a floresta e o rio da história foi fixado na janela, perto dos ganchos onde as mochilas das crianças são colocadas. O cenário dois foi fixado na parede oposta, perto da televisão e da mesa da professora.

As mochilas, cadeiras e mesas que as crianças utilizam foram empilhadas em um canto da sala, perto do cenário um, para que o espaço ficasse livre para as crianças e as autoras do projeto circularem, sentarem em roda durante a contação de história, durante a procura dos desenhos das personagens da história e as “rodas de conversa” da avaliação inicial, revisão e da revisão e fixação da história. A “Caixa Mágica” foi colocada embaixo do cenário um, no chão. Os brindes foram colocados em uma sacola e, depois, dentro de uma caixa, perto do cenário dois. Uma das autoras da proposta educativa saiu da sala e levou os coletes e viseiras para a estagiária auxiliar colocar nas crianças, que estavam sentadas em uma “maloca” existente no jardim da escola, junto com a professora, aguardando o aviso para voltar para a sala, para a aplicação da ação pedagógica.

Antes da apresentação do projeto, os alunos foram ao banheiro e, logo após, ao entrarem na sala de aula, as crianças viram a caixa e os cenários e começaram a fazer suposições sobre o que aconteceria: “Uma caixa mágica? O que vão fazer com isso? Será que vai ser um show de mágica? Será que vai ser um teatro? Será que vão contar história? O que será que tem nessa caixa? O Hulk? O Homem-Aranha? A Ladybug? (personagens de desenho)” e outras questões relacionadas a personagens de desenhos animados e filmes de animação. É válido destacar que a caixa possuía a imagem de uma cartola com estrelas douradas em seu exterior, por isso os alunos pensaram que fosse um “show de mágica”, visto que eles ainda não possuíam o domínio da leitura e não sabiam ler as palavras “Caixa Mágica”, que também estavam escritas na parte de trás, concordando com Freire (2011, p. 19), quando este afirma que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, ou seja, os alunos recorreram aos seus conhecimentos prévios, conhecimentos sobre o mundo que os cerca, para fazer inferências a respeito do propósito da caixa e do que iria acontecer naquele momento.

Antes da contação da história, na avaliação inicial, que consistiu nas perguntas orais, a maioria dos alunos se expressou bem ao responder as perguntas. Na primeira pergunta, “quem aqui gosta de ouvir histórias?”, todos levantaram as mãos. Na segunda pergunta, “quem tem na família alguém que conte histórias para vocês antes de dormir, ou em outro momento do dia?”, alguns alunos falaram que seus pais e/ou avós contavam várias histórias para eles, outros falaram que os pais não tinham tempo de contar histórias, então as assistiam na televisão, ou na Internet, ou viam as figuras dos livros. Na terceira pergunta “quem aqui sabe contar as histórias que ouve?”, a maioria levantou a mão e começou a relatar várias histórias que eles conheciam, “história de Papai do Céu”, “história de princesa”, “história de príncipe”, “história de sapo”, dentre outras. Todos foram bastante participativos e isto foi um ponto positivo. Nesse sentido, reitera-se o que afirma Abramovitch (1997, p.98) quando esta

destaca que a criança é inserida no mundo literário antes de aprender a ler, pois, geralmente, o primeiro contato dela com a literatura ocorre por meio da contação de histórias por seus familiares e, neste momento, a criança é envolvida tanto no aspecto emocional, quanto no aspecto cognitivo, uma vez que seu pensamento é estimulado a buscar significados para o que será ouvido.

Nessa perspectiva, Abramovich (1997, p. 98) e Gimeno (1995, p. 73), em conformidade, argumentam que o encanto das crianças em ouvir histórias e o prazer pela leitura se desenvolve a partir de experiências significativas vivenciadas ao longo de sua vida, ou seja, ressaltam a importância de ouvir histórias para a formação da criança, pois escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor e, para os autores, ser leitor significa trilhar um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo. Entretanto, em alguns momentos da observação participante realizada durante o estágio, verificou-se que a contação de histórias enfatizava somente aspectos “moralizantes” ou de “entretenimento”. Na maioria das vezes, as histórias contadas eram fábulas e era perceptível que havia uma valorização das “lições morais” presentes nesse gênero literário, em detrimento da literariedade da história e das técnicas lúdicas para contá-las. Durante a contação, não havia mudança de voz para diferenciar as personagens, frequentemente a leitura era realizada sem entonação alguma, muitos alunos eram citados e comparados às personagens, ressaltando seus aspectos negativos, enfim, uma série de práticas consideradas “inadequadas” por Kleiman (2002) e Soares (2003) eram realizadas e, conseqüentemente, não contribuía para o interesse das crianças sobre as histórias, fazendo com que muitas delas ficassem dispersas, ou até mesmo retraídas com as “lições morais” que deveriam seguir.

Outra prática relacionada à contação de história é utilizá-la apenas para “entreter”, “distrair” as crianças, como um “passatempo” para acalmá-las. Essas práticas vão contra o pensamento de Dohme (2003, p. 5), pois o autor afirma que a contação de histórias só se torna um meio eficiente de transmissão de aprendizagem quando o professor percebe que essa metodologia é capaz de tal feito. Nessa perspectiva, ao contar uma história, o educador deve estar ciente de que ela deve contribuir para o desenvolvimento de aspectos como afetividade, raciocínio, senso crítico, imaginação e criatividade e ressalta que, quando a contação de histórias está aliada a atividades lúdicas como a encenação, ela se torna muito mais eficaz, pois seus efeitos são potencializados. Nesse sentido, não se trata apenas de contar uma história aleatória, apenas para que a criança se comporte do modo desejado pelo adulto ou para “acalmá-la”, é necessário que o educador pense com antecedência e cuidado ao escolher a história que irá contar, sobre os objetivos que quer alcançar ao contar aquela história, sem jamais, desconsiderar seu aspecto lúdico.

Durante a segunda roda de conversa, após a procura dos desenhos, para revisar e fixar a história e também no decorrer da avaliação final, que consistiu nos desenhos, realizadas na segunda e quarta etapas, constatou-se que os alunos possuíam conhecimentos prévios provenientes do meio social onde vivem e conhecimentos adquiridos na escola, na área de Códigos e Linguagens, Ciências Naturais e Ciências Sociais, pois tinham ideias a respeito do que eram desmatamento, poluição e queimadas e sabiam que essas ações eram “erradas” e que não deveriam ocorrer, antes mesmo desses conceitos serem explicados na contação de história, além de saberem os nomes de quase todas as personagens, esquecendo apenas da Iara, que chamaram de “sereia” e, também, confundindo o “Boto” com um golfinho, entretanto, após algumas dicas, eles acertaram os nomes. Destaca-se que essas personagens não foram tão enfatizadas na história, logo, as crianças tinham motivo para não lembrarem delas. No tocante aos conhecimentos relacionados à área de Matemática, os alunos souberam localizar as personagens da história e sabiam quantas e quais eram as cores do arco-íris.

Após a contação da história, constatou-se que os alunos a compreenderam e isto foi observado por meio das respostas da segunda “roda de conversa” e dos desenhos dos alunos, partindo da percepção dos níveis de compreensão que os educandos tinham em sua própria realidade, como pontua Freire (2011). Neste sentido, a atividade de culminância ocorreu do seguinte modo: Foram distribuídas folhas de papel A4 personalizadas com papel-cartão colorido, onde estavam escritos os nomes do autor, da história, dos alunos e a data; após explicar o que deveriam fazer, as autoras do projeto deixaram os alunos livres para se expressarem por meio do desenho, a fim de verificar se eles haviam compreendido a história. As crianças se espalharam pelo chão da sala e desenharam florestas, animais, rios, os seres encantados citados na história como a Iara, a Cobra Grande e o Boto, e até mesmo o arco-íris, para ajudar a “reviver” a floresta quase morta do cenário dois. Nessa perspectiva, recorre-se à Paiva (2009 p. 28), quando o autor afirma que a contação de histórias deve ser considerada uma metodologia educativa capaz de promover mudanças significativas naqueles que as ouvem com regularidade.

Em seguida, após todas as crianças terminarem, cada um dos desenhos foi fixado no cenário e cada criança explicou o seu desenho, quando perguntadas sobre o que eles tinham desenhado. Posteriormente, ao final da aplicação, enquanto os brindes eram distribuídos, foi explicado, pelas autoras do projeto, qual conteúdo tinha a ver com cada história, pois eram desenhos extraídos da parte de colorir do livro da história contada, que estavam armazenados em um pote feito com garrafa Pet, para sensibilizar os educandos quanto à preservação do meio ambiente, por meio da reutilização de materiais que normalmente seriam jogados no lixo. O pote foi enfeitado com o desenho do protagonista da história, o tucano Arthur, que

queria se tornar um peixe com as sete cores do arco-íris, ou seja, ele não amava a si mesmo e queria ser diferente, mas ao final, percebe que deve amar a si mesmo do jeito que é.

Como pontos negativos e adversidades, percebeu-se que, devido à inexperiência das autoras do projeto, por algumas vezes, foi difícil manter a turma em silêncio nos momentos necessários e, antes da aplicação, a metodologia foi alterada diversas vezes e não ocorreu totalmente como planejado anteriormente. A proposta inicial, originalmente, consistia em contar duas obras literárias infantis paraenses de autores diferentes. Também foi considerado levar os alunos para o jardim e quadra da escola, para sair em uma “aventura”, na qual o jardim representaria a floresta Amazônica e a quadra representaria o Rio Amazonas, visando criar estímulos à imaginação e à ludicidade. Entretanto, essa ideia foi substituída pela busca às personagens da história dentro da sala, devido ao tempo de aplicação do projeto que, para crianças dessa faixa etária, deve ser de trinta minutos no máximo, e também, devido ao conselho da professora de que se os alunos saíssem da sala ficariam dispersos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que a aplicação do projeto, mesmo com as adversidades, foi bem-sucedida e consistiu em uma grande oportunidade de aprendizagem mútua. Acreditamos que situações de aprendizagem como estas devem ser mais encorajadas e exploradas. Conforme o desenvolvimento do projeto, tendo em vista a teoria e a prática do processo de ensino-aprendizagem, enfatizamos o quanto é necessário que o mesmo seja pautado no conceito de interdisciplinaridade, a fim de que o conhecimento não seja fragmentado em disciplinas, como defende o ensino tradicional.

No início da aplicação, tivemos como ponto de partida as respostas, questionamentos e hipóteses dos próprios alunos, características fundamentais para promover um processo de ensino-aprendizagem significativo. Nesse período de estágio, pudemos vivenciar, mesmo que por alguns meses, o contexto escolar no qual os alunos estão inseridos e percebemos o quanto as escolas necessitam de iniciativas como os projetos pedagógicos, pois são fatores importantes para um processo de ensino-aprendizagem mais significativo. A partir da história “Um peixinho chamado Arco-Íris”, de Luiz Peixoto Ramos, foram explorados valores sociais como respeito ao próximo, ao meio ambiente, autoestima e também elementos da cultura local, tais como o ponto turístico “Museu Emílio Goeldi”, a fauna e a flora amazônicas, representadas por meio dos cenários da história, como a Floresta Amazônica e o Rio Amazonas.

No processo de análise dos dados, constatamos que o resultado foi satisfatório, pois verificamos que o projeto conseguiu alcançar grande parte dos alunos, pois nem todos

estavam presentes, visto que nas avaliações inicial e final, eles demonstraram o conhecimento adquirido a respeito do tema. Portanto, a aplicação do projeto foi uma experiência bastante enriquecedora e proveitosa para a nossa formação, pois a partir de sua aplicação, tivemos a oportunidade de interagir e exercitar a nossa prática pedagógica com os discentes. Além disso, o projeto permitiu que o processo de ensino-aprendizagem se tornasse significativo e lúdico para os alunos, sob uma perspectiva interdisciplinar, objetivo maior da proposta educativa.

6 REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. São Paulo: Scipicione, 1997.
- _____, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: 1996.
- _____, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2010.
- _____, Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação**. Brasília: MEC, 2014.
- DOHME, V. **Além do Encantamento: Como as histórias podem ser um instrumento de aprendizagem**. Ed. Fundação EDUCAR, 2003.
- FREIRE, P. **O ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2011.
- GIMENO, J. S. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.) **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, 1995. p. 63-92.
- KLEIMAN, A. **Oficina de Leitura: Teoria e Prática**. Campinas: Pontes, 2002, 9ª Edição, pp. 17-22.
- MONTEIRO, W. **Visagens e Assombrações de Belém**. Belém: Smith Editora, 7ª ed., 2016.
- PAIVA, A. **Narração Educativa ou Tapeação Didática?** Ministério da Cultura. Programa Nacional de Incentivo a Leitura. Cursos da Casa da Leitura. **Leitura e Cidadania**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2009.
- PEIXOTO, Luiz Ramos. **Um Peixinho Chamado Arco-íris**. Belém: Paka-Tatu, 2012.
- SOARES, M. A Escolarização da Literatura Infantil e Juvenil. In: EVANGELISTA, A. (Org.). **A Escolarização da Leitura Literária**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, 2ª Edição, pp. 17-24.